



7 • Correio Braziliense — Brasília, sábado, 18 de abril de 2026

Bolsas Na sexta-feira	Pontuação B3 IBOVespa nos últimos dias	Dólar Na sexta-feira	Salário mínimo Últimos	Euro Comercial, venda na sexta-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,55% São Paulo	198.000 14/4 15/4 16/4 17/4	R\$ 4,983 (-0,19%)	13/abril 4,997 14/abril 4,993 15/abril 4,992 16/abril 4,992	R\$ 5,864	14,65%	14,50%	Novembro/2025 0,18 Dezembro/2025 0,33 Janeiro/2026 0,33 Fevereiro/2026 0,70 Março/2026 0,88

ENDIVIDAMENTO

Desenrola 2.0 aguarda apenas retorno de Lula

Presidente, que está na Europa, precisa dar aval para o programa de renegociação de dívidas que, segundo Durigan, está pronto

» FERNANDA STRICKLAND

Divulgação/MF



Na entrevista em que fez um balanço da viagem a Washington, Dario Durigan informou que o programa de renegociação será feito em três etapas

O ministro da Fazenda, Dario Durigan, informou, ontem, que o novo programa de renegociação de dívidas dos brasileiros está estruturado e já conta com alinhamento junto às principais instituições financeiras. Em conversa com a imprensa em Washington, onde participou da Reunião de Primavera do Fundo Monetário Internacional (FMI), ele afirmou que o novo programa de renegociação de dívidas do governo pode ser apresentado em fases, uma vez que existem três grupos a serem beneficiados: famílias, trabalhadores informais e pequenas empresas.

“Vamos apresentar a parte da família, no primeiro momento, depois dos informais, depois das empresas, mas tem essas três frentes que nós estamos trabalhando, famílias, trabalhadores informais e pequenas empresas”, disse Dario.

O ministro reforçou que o programa aguarda apenas o aval do presidente Luiz Inácio Lula da Silva para ser apresentado. “O anúncio está pronto hoje. Aí, se o presidente, voltando semana que vem, entender que o caso é de fazer semana que vem, nós estamos prontos para fazer”, afirmou.

Chamado Desenrola 2.0 — em referência à plataforma lançada em 2023 — o programa deverá ser anunciado após o retorno de Lula da agenda internacional iniciada ontem na Europa e que se encerrará no dia 21 de abril, com compromissos na Espanha, Alemanha e Portugal.

Para Durigan, o objetivo principal do programa é a diminuição da dívida das linhas caras, como cartão de crédito. “O que a gente vai fazer é mobilizar a garantia de modo que os próprios bancos consigam dar um desconto e depois refinanciem a um juros mais barato uma dívida diminuída. Então, com garantias do Tesouro no caso de inadimplimento”, explicou o ministro.

Cenário

A mais recente pesquisa da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), de março, mostra que o endividamento chega a 80,4% dos lares.

No caso das empresas, a inadimplência registrou alta de 13,92%, consolidando um cenário de pressão financeira sobre os

negócios. No acumulado de 12 meses, o crescimento foi de 12,65%.

O movimento ocorre em um contexto marcado por juros elevados, crédito mais caro e deterioração das condições financeiras das famílias — combinação que impacta diretamente o fluxo de caixa das empresas. A relação entre os dois fenômenos, segundo especialistas, é direta.

“Um puxa o outro. Em um cenário econômico como o atual, as

empresas precisam se ajustar, o que pode levar ao crescimento da inadimplência. Como o consumidor também enfrenta dificuldades financeiras, a capacidade de pagamento das empresas acaba sendo impactada”, afirma João Paulo Travasso Cardoso, coordenador de pré e pós-vendas do SPC Brasil.

O setor de Serviços concentra a maior fatia das empresas inadimplentes, com cerca de 39% do total.

O segmento também apresentou crescimento próximo de 8% em relação a fevereiro do ano passado. A maior exposição à inflação recente ajuda a explicar a vulnerabilidade financeira dessas atividades, que dependem diretamente do consumo das famílias.

A deterioração do cenário é reforçada pelos indicadores de endividamento da população. Dados de diferentes instituições, como Banco Central, Serasa e Confederação Nacional do Comércio (CNC), apontam níveis recordes tanto no comprometimento de renda quanto no atraso no pagamento de dívidas. Em uma década, a inadimplência cresceu 38% no país, segundo a Serasa.

Diante desse quadro, o Banco Central tem alertado para o avanço do superendividamento, considerado um problema crescente no Brasil. Estima-se que mais de 80 milhões de brasileiros estejam inadimplentes, evidenciando a dimensão do desafio. A pressão sobre as famílias, por sua vez, retroalimenta a fragilidade das empresas, sobretudo aquelas mais dependentes do consumo doméstico. Nesse ambiente, especialistas recomendam reforço no controle financeiro e monitoramento rigoroso da carteira de clientes.

Com juros elevados, empresas têm buscado acordos mais cedo para evitar o agravamento das pendências. “Hoje o timing da renegociação mudou. As empresas estão buscando acordos mais cedo, porque os juros altos corroem a capacidade de pagamento com o passar do tempo”, explica João Paulo.

» Entrevista | CLEISSON DUVAL | PRESIDENTE DA EMATER-DF

Ao CB.Agro, gestor destacou a importância dos programas públicos que comprem de produtores familiares e aquecem o comércio local

DF caminha para autossuficiência

» LUIZ FELLIPE ALVES

Durante o CB.Agro — programa do Correio em parceria com a TV Brasília — de ontem, o presidente da Emater-DF, Cleisson Medas Duval, destacou o protagonismo do Distrito Federal nas produções de hortaliças, como alface e tomate, classificada como carro-chefe da olericultura. Aos jornalistas Carlos Alexandre de Souza e Roberto Fonseca, o presidente da Emater também destacou a importância dos programas para a produção agrícola do GDF, incluindo programas de aquisição da produção da capital, e das políticas de tubulação para distribuir água para os produtores rurais.

O que o senhor destacaria sobre a produção do DF?

Desde 2009 temos um relatório de informações sobre esse setor no DF. Coletamos dados com nossos técnicos e fazemos reuniões trimestralmente com o IBGE e, semestralmente, com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Os dados coletados são muito importantes para o nosso trabalho. As coletas e as reuniões atendem

uma gama de instituições que incluem pesquisas e até a parte econômica do DF.

Esses dados destacaram a alface e o tomate como produções que cresceram no DF. Comente um pouco sobre isso.

O tomate e a alface são os nossos carros-chefes na produção de olericultura. É o dia-a-dia do prato do brasileiro. Soment de alface, por exemplo, temos 1,2 mil hectares plantados e 800 produtores em todo o Distrito Federal. Uma das facilidades dessa hortaliça é o ciclo acelerado de colheita, que costuma ocorrer cinco vezes ao ano. É um ciclo muito rápido, estando pronto para colher em, no máximo, 40 dias.

A água é um assunto primordial quando falamos de agricultura. Como isso é trabalhado para as produções agrícolas do DF?

O DF tem quase 200km de canais abertos que atendem toda a rede de produção. Desde 2019, estamos intensificando a tubulação desses canais para oferecer mais recursos para os produtores. Havia propriedades que nem água encanada tinham.

Carlos Vieira/CB/D.A Press



Nos últimos sete anos, tabulamos mais de 110km de canais.

O que os dados da Emater mostram sobre o tipo de produção no DF? Qual é a mais comum?

A horticultura no DF está concentrada, basicamente, nas pequenas propriedades. Quase 80% das propriedades no DF são pequenas, abaixo de cinco hectares. Esses produtores são capazes de tocar

tudo esse cinturão verde de produção de hortaliças e frutas. Temos, em nossa base de dados, quase 10 mil produtores familiares e 19 mil propriedades rurais registradas em nosso sistema. Em números gerais, temos cerca de 23 mil produtores. As produções são diversas, incluem hortaliças, grãos e pecuária. A produção de hortaliças, em especial, é muito grande, e ainda vem aumentando a cada ano.



Aponte a câmera do celular para assistir a entrevista

Regiões como Padef, Taguatinga, Rio Preto, Pipiripau e Taquara produzem muitos grãos e pecuária.

Com o aumento da produção de hortaliças e frutas, o DF caminha para a autossuficiência?

Em algumas culturas somos autossuficientes, como a alface e o tomate. Outro exemplo é o abacate, temos muito dessa fruta no DF. A banana, apesar de ter uma área de plantio muito grande, o consumo também é muito grande, e ainda vem muita coisa de fora de Brasília. A mandioca é a nossa terceira hortaliça mais plantada em território, com quase 1,1 mil hectares plantados no DF e vem aumentando a cada ano.

Como o senhor avalia a logística do DF em relação a esses produtos?

O Distrito Federal possui suas vantagens. É uma área pequena, então, temos maior facilidade frente a

outros estados, conseguimos transportar rapidamente até o Ceasa de Ceilândia, por exemplo. O que tem nos ajudado bastante é o asfalto e o programa da Secretaria de Benefícios a nossa cadeia produtiva, do produtor até a ponta final, em algum mercado.

Qual a importância do Poder Público na produção de hortaliças do DF?

Temos alguns programas do Governo Federal e do DF que compram direto da agricultura familiar. Como exemplo, tem o Programa de Alimentação Escolar do Governo Federal e o programa da Secretaria de Educação do país que recebe um recurso para atender a alimentação escolar pública. No Distrito Federal, o programa vai além disso, com uma lei própria. A Lei Papa faz um programa de aquisição de produtos da agricultura, ela compra mais até do que foi estabelecido por lei. Em 2025, foram mais de R\$ 80 milhões somente em compras governamentais realizadas pelo governo daqui. A Secretaria de Educação é uma parceira muito boa Secretaria de Agricultura e da Emater. A cada ano que passa, a educação avança nas compras.